

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

Integrando a Música ao Tratamento de Crianças com TDAH: Estratégias e Desafios

**Isadora F. da P. Alves, Izabelli Cristiane C. Cardoso, Lorraine de P. Silva,
Millena S. B. dos Santos, Maria Clemência P. de L. Ferreira, Joicy Mara R. Rolindo**

**Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA
Curso de Graduação Em Psicologia**

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

Resumo

Este artigo versa sobre a integração da música como uma abordagem terapêutica no tratamento de crianças diagnosticadas com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). O objetivo principal foi examinar como a música pode auxiliar no tratamento de crianças com esse transtorno, que foi feito por meio da análise da literatura existente. Buscou-se também descrever como é o transtorno, como ele se manifesta na infância e suas singularidades; analisar as principais intervenções atuais no tratamento do TDAH infantil; identificar os principais recursos terapêuticos que a música pode propiciar no tratamento de crianças com TDAH e relatar possibilidades, estratégias, desafios e suas implicações na utilização da música junto a crianças com TDAH. Verificou-se que o TDAH é um quadro neurobiológico que afeta, principalmente, crianças e tem como sintomas a falta de atenção, a agitação e impulsividade. Os tratamentos tradicionais envolvem o uso de medicamentos, psicoterapia e intervenções educacionais. Nesse contexto, observou-se que a música pode auxiliar na concentração, no controle de impulsos e na melhora das habilidades sociais, sobretudo das crianças com TDAH. A partir desses resultados pode-se concluir que a música é uma alternativa terapêutica promissora, no entanto, há uma escassez de estudos específicos sobre a eficácia da música no TDAH, devido a vários fatores, incluindo a predominância de abordagens farmacológicas e a dificuldade na mensuração de resultados objetivos.

Palavras-Chave: música; TDAH; infantil

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

Integrando a Música ao Tratamento de Crianças com TDAH: Estratégias e Desafios

O TDAH, ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, é uma condição neurobiológica que surge na infância, e não raro, persiste ao longo da vida. Os principais sintomas são a falta de atenção, agitação e impulsividade. Segundo dados da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA, 2010), estima-se que esse é um dos transtornos mais frequentemente encontrados em crianças, tendo uma prevalência de 3 a 5% dos casos.

Os tratamentos mais usualmente prescritos para o TDAH na infância são medicamentos, psicoterapia, intervenção fonoaudiológica e instrução aos pais e professores (ABDA, 2017). Nesse contexto, a música surge como um recurso terapêutico alternativo.

A utilização da música com intuito de ajudar no tratamento médico de forma geral, tem sido realizada há vários séculos, sendo praticada desde a Grécia antiga. De acordo com estudos de Souza *et al.* (2021), as melodias obtidas por meio da tetracorde, eram utilizadas para o restabelecimento da harmonia humana e no tratamento de doenças manifestadas daquele período. Para Bruscia (2016) é possível utilizar a música como um meio para promover alterações comportamentais, emocionais e sociais em pacientes, sendo que essa abordagem pode ser empregada em diferentes contextos, tais como reabilitação, prevenção ou tratamento. Com base nisso, surgiu a ideia de utilizá-la como uma ferramenta no processo de tratamento de crianças com TDAH (Nascimento & Sousa, 2022).

Dessa forma, o presente trabalho contempla a reflexão sobre a música na relação com a criança com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade enquanto ferramenta de intervenção terapêutica, abordando os desafios e estratégias, assim, o propósito central foi analisar como a música pode auxiliar no tratamento de crianças com TDAH. Além disso, procurou-se descrever como é o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, como ele se manifesta na infância e suas singularidades; analisar as principais intervenções atuais no tratamento do TDAH infantil (psicológicos, neurológicos, psiquiátricos, farmacológicos); identificar os principais recursos terapêuticos que a música pode propiciar no tratamento de crianças com TDAH e relatar possibilidades, estratégias, desafios e suas implicações na utilização da música junto a crianças com TDAH.

Para conseguir tal intento, utilizou-se da revisão de literatura como método de produção deste artigo. De acordo com Silva e Menezes (2005) a revisão de literatura é um processo sistemático e crítico de busca, seleção, análise e síntese de informações provenientes de estudos anteriores relacionados a um determinado tema de pesquisa. Seu objetivo é proporcionar uma

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

visão abrangente e atualizada sobre o conhecimento existente, identificar lacunas, contradições e tendências na área, e fundamentar a construção de um novo conhecimento científico.

Sendo assim, este trabalho analisou, sintetizou e interpretou materiais de outros estudiosos sobre as formas que a música pode auxiliar no tratamento de crianças com TDAH, como ela pode propiciar melhoras no quadro dos pacientes e conseqüentemente influenciar positivamente a qualidade de vida destes. O artigo está baseado em artigos e revistas científicas, majoritariamente digitais, publicadas em banco de dados confiáveis como, por exemplo, Google Acadêmico, Pubmed e Scielo. Utilizando-se ainda dos descritores “TDAH infantil”, “música e TDAH”, “música e infância”, dentre outros.

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade: sua manifestação e singularidades na infância

O TDAH é um transtorno relativamente novo sendo mencionado apenas na quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), em 1994. Em 2013, foram realizadas alterações para a quinta edição do DSM, definindo mais precisamente o TDAH como sendo um distúrbio de neurodesenvolvimento caracterizado por um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento global do indivíduo ou no seu desenvolvimento. Na desatenção e desorganização de acordo com o DSM:

Envolvem incapacidade de permanecer em uma tarefa, aparência de não ouvir e perda de materiais em níveis inconsistentes com a idade ou o nível de desenvolvimento. Hiperatividade-impulsividade implicam atividade excessiva, inquietação, incapacidade de permanecer sentado, intromissão em atividades de outros e incapacidade de aguardar – sintomas que são excessivos para a idade ou o nível de desenvolvimento. (DSM, 2014, p. 32)

Intrinsecamente vinculado a fatores como aspectos temperamentais, ambientais, genético-fisiológicos e interacionais, o TDAH constitui um dos principais distúrbios do desenvolvimento infantil ocorrendo na maioria das culturas em cerca de 5% das crianças e 2,5% dos adultos, sendo os sintomas verificados antes dos doze anos de idade. No entanto, ainda que muitas crianças apresentem sintomas de desatenção e hiperatividade-impulsividade, há situações em que um destes padrões predomina, como indica o DSM-V (APA, 2014) onde há maior probabilidade de pessoas do sexo feminino apresentarem primordialmente características de desatenção na comparação com as do sexo masculino.

Para Araújo *et al.* (2013), a criança que possui esse transtorno demonstra muita atividade sem um controle próprio, caracterizando a hiperatividade. Mesmo quando consegue se acalmar,

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

exibe um comportamento distinto, como mexer constantemente com as mãos e/ou pés, mostrando dificuldade em concentrar sua atenção em qualquer tipo de explicação, exceto aquelas que capturam seu interesse. Além disso, a criança que apresenta esse transtorno tende a não se dedicar às tarefas designadas a ela e sua energia excessiva complica seu desenvolvimento.

Dessa forma, Nascimento e Sousa (2022), revelam que uma das formas mais notáveis de identificar a criança com TDAH é no ambiente escolar, onde as dificuldades na regulação da atenção, controle de impulsos e regulação da atividade motora, tornam-se mais evidentes e prejudiciais. Nesse sentido, o estudo conduzido por Assef *et al.* (2007), revela ainda haver uma reduzida capacidade de lidar com períodos de espera, uma notável inclinação a buscar gratificações imediatas, dificuldades em prever as ramificações de suas ações, deficiências na autorregulação e a manifestação de respostas rápidas, embora não necessariamente precisas.

Cabe salientar que, segundo Bertoldo (2018), certos comportamentos da criança com TDAH, como a falta de atenção ou agitação, podem gerar reações negativas por parte de seus colegas, afetando sua interação relacional e afetiva. Em contextos coletivos, as crianças podem exibir mais desatenção ou impulsividade, enquanto individualmente, ao interagirem com cuidadores como pais, avós ou professores, costumam exibir uma maior habilidade de foco e prontidão para atender às demandas, sobretudo quando o contexto está claramente definido.

Assim, é evidente que a presença de comportamentos amplos relacionados à desatenção, hiperatividade e impulsividade pode resultar em dificuldades de adaptação social e desafios durante a etapa de aprendizado. Barbarini (2020) ilustra essa afirmação ao dizer as crianças com TDAH frequentemente enfrentam estigmatização proveniente não apenas de interações externas com outros indivíduos, mas também de uma internalização de uma autoimagem depreciada, levando a sentimentos de inferioridade, humilhação e vergonha, assim como o desejo de conformidade com o padrão de crianças tidas como 'normais'. Nesse processo, estão continuamente contribuindo para a construção de suas próprias identidades.

Dessarte, é fundamental que os educadores estejam atentos ao comportamento da criança, visando auxiliar um diagnóstico preciso em colaboração com os pais, visto que a alta prevalência do transtorno reverbera significativamente nas esferas neurodesenvolvimentais e psicossociais da criança, refletindo nas interações familiares, escolares, sociais e no processo de construção da autoestima e senso de competência.

É importante atentar-se que quem possui o diagnóstico fechado de TDAH deve ter procurado um psiquiatra e/ou um neurologista, sendo necessário testes de atenção, inteligência, exames laboratoriais e preencher os critérios de diagnóstico do DSM. Os indivíduos que o

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

possuem sofrer queixas diárias em suas vidas, como na escola, relacionamentos afetivos, e na área profissional.

As Principais Intervenções no TDAH Infantil

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade desempenha um forte papel no cotidiano das crianças que o possuem, dessa forma deve-se ter uma intervenção propícia e singular para cada indivíduo. Este transtorno afeta principalmente a competência da criança de regular sua atenção, controle impulsivo e hiperatividade, uma intervenção adequada é de extrema importância para um desenvolvimento pleno e saudável.

Primeiramente, a intervenção direcionada ao TDAH tem a possibilidade de melhorar significativamente o desempenho acadêmico das crianças. Como foi descrito anteriormente, muitas vezes, essas crianças enfrentam dificuldades em manter o foco, seguir instruções e completar tarefas. Com estratégias educacionais adaptadas, apoio individualizado e técnicas de aprendizagem apropriadas, a intervenção pode ajudar a minimizar esses desafios, permitindo que as crianças alcancem todo o seu potencial acadêmico.

Além disso, a intervenção oferece um caminho para a aquisição de competências sociais e para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais cruciais. Crianças com TDAH podem lutar para controlar impulsos e regular emoções, o que pode afetar negativamente suas interações sociais. A autoestima também é profundamente influenciada pela intervenção para crianças com TDAH. Devido às dificuldades enfrentadas na escola e em contextos sociais, essas crianças podem experimentar sentimentos de inadequação e fracasso. A intervenção ajuda a identificar as capacidades individuais, fornecendo oportunidades para o sucesso e reforçando a confiança em suas próprias habilidades. Isso contribui para uma autoimagem positiva e para o surgimento de uma mentalidade resiliente.

Dentre as linhas de intervenção para o tratamento do TDAH é importante salientar que, de acordo com Bertoldo *et al.* (2018, p.435), os “pais acabam tendo um papel decisivo quanto à condução da criança, pois, em função dos filhos não possuírem autonomia, são os pais que necessitam decidir qual é a melhor alternativa terapêutica”, sempre se atentando ao melhor tratamento para a criança, respeito a seus processos pessoais e singulares. Dentre os tipos de tratamento existente, pode-se seguir duas linhas, sendo elas,

as de atendimento psicossocial, compostas por diferentes intervenções terapêuticas ou psicopedagógicas e que visam o atendimento apenas à criança, combinação de atendimento com os pais, ou versões combinadas com medicamentos; e as de caráter

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

exclusivamente medicamentoso, que não incluem outras linhas terapêuticas de atendimento às crianças ou aos pais. (Bertoldo *et al.*, 2018, p. 430)

Dentre as intervenções psicossociais, destaca-se a técnica de psicoeducação, na qual o paciente e sua família recebem instruções claras e objetivas sobre o transtorno, bem como suas principais manifestações, com o intuito de aumentar as chances de o tratamento funcionar (Scolaro *et al.*, 2023).

No ambiente psicoterapêutico, o psicólogo irá se empenhar em reconhecer os comportamentos disfuncionais, tais como a desatenção e hiperatividade, habituais das crianças com TDAH, visando à alteração desses padrões durante as sessões terapêuticas, para isso, o profissional precisa estar atento para identificar se há momentos em que o indivíduo intensifica seus sintomas durante a sessão, ou seja, se existem períodos em que os sintomas se tornam mais evidentes (Scolaro *et al.*, 2023).

Quanto ao tratamento farmacológico, o medicamento mais comumente prescrito para crianças com TDAH é o metilfenidato. No Brasil, as opções disponíveis incluem o metilfenidato de liberação imediata e prolongada, bem como a lisdexanfetamina, ambos considerados medicamentos de primeira escolha que apresentam boa aceitação terapêutica (Duarte *et al.*, 2021).

Para alguns pacientes, a medicação pode não ter o efeito desejado, resultando em um controle insuficiente dos sintomas e eventos adversos que estão fora de controle. Além disso, a medicação, por si só, pode não abordar todos os aspectos do comprometimento associado ao TDAH; e certos pacientes também podem enfrentar dificuldades para acessar a medicação (Duarte *et al.*, 2021).

Ribas *et al.* (2015) afirmam que o TDAH é a psicopatologia mais medicalizada na infância, e o medicamento mais utilizado é a ritalina e outros produzidos à base de anfetamina, sendo a eficácia da ritalina comprovada. No entanto, há a necessidade de obter novas formas de tratamento devido às lacunas não preenchidas pelo medicamento.

Nesse sentido, Duarte *et al.* (2021) afirmam que o tratamento exclusivamente baseado em medicamentos não é eficaz. Para eles, é crucial contar com uma abordagem multidisciplinar que inclua intervenções nas áreas de psicopedagogia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, psicomotricidade, educação física, neurologia pediátrica e outras especialidades.

Sob essa perspectiva, a reabilitação neuropsicológica de pacientes com TDAH têm salientado a importância de uma intervenção adaptativa e direcionada que contemple essa interdisciplinaridade. Segundo os autores Cantiere *et al.* (2012) a reabilitação neuropsicológica

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

é um processo cujo objetivo principal é capacitar indivíduos que enfrentam prejuízos cognitivos, com o intuito de melhorar sua adaptação biopsicossocial, maximizando, na medida do possível, sua potencialidade de se tornarem mais autônomos e independentes.

Ainda na perspectiva dos referidos autores, a reabilitação neuropsicológica deve envolver a interação entre personalidade, estilo de vida e cognição do paciente uma vez ter mostrado eficácia na melhoria das funções cognitivas, no desempenho das atividades diárias e na qualidade de vida. Isso permite explorar abordagens mais eficazes para a recuperação das funções, incluindo exercícios específicos direcionados às necessidades do paciente, particularmente estimulando as funções executivas frequentemente prejudicadas em casos de TDAH. Importante notar que a reabilitação neuropsicológica é altamente personalizada, adaptando-se às necessidades e habilidades individuais de cada pessoa.

Para realizar essa modificação e reabilitação, o profissional poderá utilizar-se de estratégias lúdicas, por meio de desenhos, brincadeiras, jogos e pinturas; e intervenções cognitivas-comportamentais, principalmente da abordagem da Psicologia chamada Terapia Cognitivo Comportamental, uma vez que esta abordagem apresenta a melhor evidência de eficácia (Scolaro et al., 2023).

Assim sendo, Cantiere *et al.* (2012) selecionaram atividades lúdicas e de treino cognitivo capazes de melhorar os domínios cognitivos afetados no TDAH. As tarefas selecionadas abrangem os domínios verbal e de execução, pois são considerados cruciais e complementares para melhorar a adaptação às atividades cotidianas. Dessa forma, a implementação dessas atividades representa uma intervenção neuropsicológica destinada a treinar habilidades como atenção difusa e concentrada, memória operacional, flexibilidade cognitiva, habilidades de construção espacial, seleção, consolidação e organização de informações.

Seguindo essa perspectiva, intervenções como a musicoterapia vem ganhando espaço no panorama atual de tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. Em síntese, a introdução de abordagens terapêuticas lúdicas, como o uso da música, demonstra ser uma estratégia promissora e complementar aos métodos tradicionais, uma vez que a música oferece um ambiente terapêutico que pode engajar e motivar os pacientes de maneira única, promovendo a concentração, estimulando a criatividade, aprimorando a autorregulação emocional e melhorando a qualidade de vida geral.

Segundo Santos *et al.* (2022) a musicoterapia no tratamento do TDAH, contribui satisfatoriamente em aspectos cognitivos, físicos, emocionais, sociais, e de arte e comunicação, pois ela trabalha cada um desses de inúmeras formas, tendo alcances extremamente benéficos.

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

Portanto, ao considerar os desafios do tratamento do TDAH, é imperativo que se valorize a inclusão de intervenções terapêuticas diferenciadas e multifacetadas, como parte de um plano de tratamento abrangente e individualizado para otimizar os resultados clínicos e promover o bem-estar geral dos indivíduos. Logo, reconhecer a interconexão entre várias modalidades de tratamento e a incorporação de intervenções lúdicas como a música, representa um avanço significativo na abordagem holística e eficaz do TDAH.

A música como recurso terapêutico no tratamento de crianças com TDAH

A música tem-se destacado como um recurso terapêutico de grande relevância no tratamento de diversas condições de saúde, sendo cada vez mais reconhecida por seu potencial benéfico, e no contexto de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) também. Isso acontece porque a música emerge como uma ferramenta capaz de oferecer uma série de estímulos sensoriais que podem influenciar positivamente esferas do neurodesenvolvimento afetadas pelo distúrbio, sendo elas cognitivas, comportamentais e socioafetivas.

A priori, torna-se necessário esclarecer os três campos em que se destacam a utilização da música ao discuti-la como recurso terapêutico no tratamento de crianças com TDAH, uma vez que cada abordagem possui objetivos e aplicações distintas no contexto terapêutico, bem como referenciais teóricos, métodos, objetivos e desenvolvimentos diferenciados. De acordo com as literaturas estudadas (Bruscia 2000; Nascimento & Sousa 2022; Oliveira 2020; Peñalba 2010; Pereira & Vasques 2016; Ribas et.al 2015; Sabra 2019; Santos et. al 2022; Teixeira & Fernandes 2021) esses campos são: educação musical, musicalização e a musicoterapia.

A educação musical refere-se a busca em ensinar as bases da linguagem musical, incluindo elementos como ritmo, melodia, harmonia, timbre, forma e dinâmica. O objetivo é fazer com que os indivíduos se tornem proficientes na compreensão desses elementos e em sua aplicação na prática musical. E segundo a Sociedade Artística Brasileira (SABRA, 2019) “na educação musical, o aluno, ao entrar em contato com um instrumento, por exemplo, aprenderá a manuseá-lo de modo a tocá-lo por meio de uma partitura, uma cifra ou uma tablatura”. Dessa forma, a educação musical tem como um dos objetivos fazer com que o aluno tenha domínio tanto teórico quando prático, seja do instrumento ou de sua voz.

A musicalização, por sua vez, conforme SABRA (2019), “trabalha com questões mais amplas dentro do universo musical. Ela não tem como foco o conhecimento mais estrito da música, e, sim, prioriza as noções musicais.” Além disso, a musicalização não se limita apenas

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

à compreensão passiva da música; ela também incentiva a expressão musical ativa. Os alunos são encorajados a tocar instrumentos, cantar, criar suas próprias composições e improvisar, permitindo-lhes incorporar seu entendimento musical em ações criativas.

Já na musicoterapia definida por Bruscia (2000) em seu livro "Defining Music Therapy", é uma abordagem terapêutica que utiliza a música e suas propriedades para promover o bem-estar emocional, físico e psicológico das pessoas. A musicoterapia é o uso sistemático da música em um processo terapêutico para facilitar a expressão, o desenvolvimento, o crescimento, a saúde e a reabilitação de indivíduos em diversas configurações, despertando emoções necessárias em um processo de cura terapêutica. Envolve uma relação terapêutica direcionada por um musicoterapeuta treinado para usar a música de maneira sensível e eficaz. A musicoterapia é adaptável e pode ser aplicada a pessoas de todas as idades e com uma variedade de necessidades e desafios.

Santos *et al.* (2015) destaca, ainda, que a musicoterapia, pode induzir efeitos psicológicos, incluindo efeitos calmantes que promovem relaxamento, estados de ânimo estimulantes que geram sensações de felicidade, resultando em bem-estar físico e mental, além de facilitar o processo de aprendizado. Além disso, é importante mencionar que a musicoterapia também pode ser benéfica para a evolução psicomotora das crianças.

Dessa maneira,

a musicoterapia vai além de uma prática de musicalização, trata-se do emprego da música para proporcionar uma mitigação dos sintomas psicofisiológicos, influenciando diretamente a qualidade de vida dos pacientes. As técnicas utilizadas nas atividades terapêuticas, quando conduzidas corretamente, auxiliam no desenvolvimento dos processos cognitivos, aliviam a ansiedade, estimulam fatores de socialização e diminuem níveis de estresse. (Souza *et al.*, 2021, p. 10437)

Uma vez estabelecidas essas diferenciações tornam-se possível dimensionar como a música se dá em diferentes áreas do desenvolvimento dos indivíduos diagnosticados com TDAH, em especial, nas crianças. De acordo com Ribas *et al.* (2015), o processamento da música no cérebro, se dá por meio de como as notas musicais são percebidas através de um denso processo que vai da amplitude das vibrações sonoras até o encontro da transmissão delas com os ossículos dos ouvidos que levam até a cóclea, para uma discriminação cerebral muito complexa e precisa. Com tudo isso, a ativação do hipocampo se dá por via da audição musical, e junto a audição ativa compõe a aquisição da linguagem. Considerando assim e observando todos esses aspectos, a música pode ser utilizada como método terapêutico utilizando técnicas, de modo a favorecer a organização do cérebro.

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

Além disso, os estudos de Oliveira (2020) sustentam essa ideia ao observar que crianças inseridas em ambientes que oferecem estímulos sensoriais enriquecedores demonstram respostas fisiológicas mais amplas, maior atividade em áreas associativas do cérebro, aumento na formação de novos neurônios (neurogênese) em regiões cruciais para a memória e uma redução na perda de neurônios (apoptose funcional). Não só contribui para a ativação dos chamados neurônios espelhos, localizados nas regiões frontais e parietais do cérebro que desempenham um papel fundamental na cognição social humana, mas também que envolvem processos cognitivos e emocionais, como empatia, ressonância afetiva e compreensão de ambiguidades na comunicação verbal e não verbal.

Sob essa perspectiva, Oliveira (2020) complementa esse raciocínio ao defender que a música desencadeia um processo benéfico ao neurodesenvolvimento ao ativar o sistema de autorreferência e memórias autobiográficas, ao mesmo tempo em que mantém o corpo envolvido através do movimento durante a execução musical ou em resposta ao som e à dança. Isso resulta em uma integração holística de emoção e ação, promovendo um equilíbrio saudável entre mente e corpo.

Levando-se em consideração que o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) pode resultar em desafios relacionados à capacidade de concentração e/ou hiperatividade, frequentemente causando desconforto durante atividades que demandam tranquilidade e foco, a prática de tocar um instrumento musical ou mesmo ouvir música relaxante, pode ajudar a treinar a mente para se concentrar em tarefas que demandam concentração, facilitando a absorção de informações e a conclusão de tarefas, bem como alívio imediato. Conforme Teixeira e Fernandes (2021) a música possibilita que as crianças experimentem uma ampla gama de emoções e mobilizem processos cognitivos complexos, tais como atenção, memória, controle de impulsos, execução e coordenação de movimentos.

Nesse contexto, a

música surge então como uma alternativa promissora no tratamento desse transtorno, onde a combinação de ritmo, harmonia e melodia são capazes de despertar a liberação da dopamina no cérebro, causando prazer na pessoa que ouve a música. Seus efeitos nas crianças vão bem mais além, pois desperta, sensações e estimula o ato de memorização. (Nascimento & Sousa, 2022, p. 75)

De igual modo, Peñalba (2010) inicia a relação da música com a hiperatividade. Conforme o autor, em crianças diagnosticadas com TDAH, músicas com um ritmo agitado ou estimulante têm o benefício de permitir que as crianças em questão liberem a energia associada à sua condição de mobilidade constante. Conforme observado nos estudos de Pereira e Vasques

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

(2016), a musicoterapia, quando aplicada no tratamento de crianças com TDAH, contribui para a redução da hiperatividade ao proporcionar uma saída para a energia em excesso, além de melhorar a capacidade de atenção por meio de atividades adaptadas ao processo de aprendizado e apoiadas pela música.

Consoante a isso, a música no contexto infantil também tem como principal objetivo aprimorar o acesso às suas habilidades sociais, afetivas e comunicativas, as quais estão intrinsecamente ligadas ao ambiente cultural em que estão inseridas. Dentro da abordagem de musicoterapia infantil, a criança diagnosticada com TDAH desempenha um papel ativo em suas atividades terapêuticas e é receptiva, o que cria um ambiente de trabalho colaborativo. Apesar das condições patológicas presentes, o foco da musicoterapia com crianças com diagnóstico de TDAH é buscar benefícios construtivos que possam suavizar ou enriquecer suas experiências musicais.

Contudo, os estudos referentes à música como propiciadora de saúde e bem-estar, são relativamente recentes, mesmo que as civilizações antigas tenham começado a relacioná-la na comunidade da saúde. Portanto, ainda não é amplamente compreendido por muitos profissionais, e por se tratar de uma arte abstrata, e que age de forma inconsciente sobre as pessoas, por vezes, não se enxergam os efeitos da música ao tratamento, e não se tem consciência da ação que ela exerce nas pessoas. Isso ocorre porque a música afeta uma variedade de processos cognitivos, emocionais e fisiológicos, muitos dos quais não estamos conscientes quando estamos ouvindo, ou prestando atenção. Para Bresci (2019) é difícil verificar a efetividade daquilo que não podemos quantificar, e nem medir de forma precisa, porém não torna o método menos eficaz, mas que exige uma maior sensibilidade daqueles que estão utilizando da ferramenta.

Relatos científicos sobre a utilização da música junto a crianças com TDAH: possibilidades, estratégias, desafios e implicações

Como vimos até aqui, é através da música que a criança pode vivenciar possibilidades de relacionamentos interpessoais, observação do seu comportamento e autoavaliação, além de promover a formação de grupos possibilitando a criação de vínculos com outros indivíduos. Dessa forma, os estudos de Brescia (2019) postulam essa ideia ao defender que a música como arte representa uma linguagem simbólica que permite ao sujeito comunicar-se com o mundo, se ajustar internamente, fornecendo uma via para a expressão e o compartilhamento de seus estados internos e criativos.

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

Além disso, conforme Nascimento e Souza (2022), essa habilidade de coordenar e transmitir efeitos sonoros organizados em um determinado intervalo de tempo, presentes na música, desempenha um papel crucial na construção da confiança entre o adulto, a criança e a família, e de auxílio às dificuldades enfrentadas por crianças com TDAH. Isso, por sua vez, contribui para a elaboração de uma estratégia para o desenvolvimento comportamental das crianças, diminuindo a desatenção, impulsividade e hiperatividade, e o estabelecimento de uma rotina diária, com uma abordagem que equilibra teoria educacional e prática musical de forma alternada.

Consoante a esta afirmação, o estudo conduzido por *Paiva et. al* (2007), investigou o uso da música como estímulo para crianças e adolescentes com TDAH entre 8 e 11 anos no ambiente escolar. Eles buscaram promover a participação ativa desses alunos por meio da música, incluindo elementos como ritmo, timbre e melodias cantadas e tocadas em grupo. A pesquisa mostrou que essa abordagem resultou em maior integração social, melhora na obediência a comandos e regras, além de melhorias nas notas escolares, indicando que a música, devido à sua natureza agradável, contribuiu para aprimorar a concentração dos alunos em sala de aula.

Dessa forma, no artigo “Estudo experimental sobre o efeito do estímulo musical na atenção de crianças e adolescentes com TDAH e com desenvolvimento típico”, Mendes (2022) investiga como o efeito da escuta musical afeta o desempenho de crianças e adolescentes diagnosticados com TDAH. Todos os participantes foram expostos às mesmas configurações experimentais, incluindo a presença e ausência de música, enquanto realizavam uma tarefa de atenção no computador conhecida como Attention Network Test, versão adaptada para crianças. Além disso, os grupos eram comparáveis em termos de gênero, idade e status socioeconômico.

O estudo citado contava com um total de 76 participantes divididos em 34 do grupo com TDAH e 42 do grupo sem TDAH. Ambos os grupos foram submetidos a uma tarefa de atenção em duas configurações experimentais, com música e sem música, e foram comparados entre si (Grupo TDAH versus Grupo sem TDAH). Os resultados indicaram que a presença de música, especificamente músicas conhecidas e preferidas tocadas instrumentalmente, levou a uma redução no número de erros durante a realização da tarefa de atenção, independentemente de a criança ter TDAH ou não. No entanto, ainda não está claro se esse efeito se estenderia a outras tarefas ou se seria observado com diferentes tipos de música.

Por sua vez, Vasques e Pereira (2016), em seu estudo sobre a musicoterapia como proposta de intervenção para crianças portadores de TDAH, oito crianças com idades entre oito

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

e doze anos, matriculadas na Escola Municipal Antonieta Ferracioli Duarte, localizada em Três Pontas/MG, foram cuidadosamente selecionadas após avaliações conduzidas pelos orientadores educacionais e com a devida autorização dos pais e da direção da escola. As atividades do projeto ocorreram no ambiente escolar e tiveram como objetivo primordial aprimorar a atenção, a concentração e a interação social das crianças. Essas atividades abrangeram práticas musicais, com ênfase especial na percussão, buscando desenvolver habilidades de sincronia e interação entre os participantes. O projeto foi adaptado para atender às limitações de concentração típicas das crianças com TDAH, empregando atividades breves e diversificadas.

As estratégias pedagógicas foram projetadas para abordar os principais desafios enfrentados por crianças com TDAH. Inicialmente, o problema da desatenção foi enfrentado por meio de atividades que exigiam um alto grau de foco, como análises detalhadas de músicas e interpretação musical. Em seguida, a hiperatividade foi direcionada por meio de atividades ritmadas e dinâmicas, como coreografias e danças. Por fim, a impulsividade foi tratada com atividades que demandavam que os alunos aguardassem uma resposta, contribuindo para o controle de impulsos imediatos.

Para os autores, os resultados esperados deste estudo incluem melhorias nos sintomas associados ao TDAH, embora seja importante notar que essas melhorias não devem ser interpretadas como uma cura definitiva da condição. Em vez disso, os resultados sugerem que a metodologia aplicada pode induzir mudanças positivas nos sintomas previamente apresentados pelas crianças com TDAH.

Outro relato sobre as possibilidades da música junto a crianças com TDAH é encontrado na pesquisa de Bara *et al.* (2021). Nesse estudo, as autoras tiveram como objetivo explorar e compreender os aspectos da aprendizagem musical de um aluno diagnosticado com TDAH durante o período de isolamento social, no contexto da pandemia do Covid-19. Como participantes, foram escolhidos um aluno de 8 anos do 2º ano do Ensino Fundamental, a quem chamaram por pseudônimo de Erick, e sua mãe, a quem deram o nome de Laura. A genitora da criança, além de ser mãe, é professora e desempenhou um papel importante no apoio ao processo de aprendizagem de Erick durante o ensino remoto.

A coleta de dados de Bara *et al.* (2021) foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada, conduzida via plataforma Zoom Meetings, com uma duração total de 70 minutos. A entrevista foi conduzida de forma colaborativa, envolvendo as quatro autoras da pesquisa como entrevistadoras, enquanto Erick e Laura atuaram como entrevistados. Depois de coletados os dados, procedeu-se à análise. Para esse propósito, as autoras realizaram a

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

investigação preliminar e exploração dos dados, escolheram e organizaram das informações, criaram categorias e subcategorias temáticas e fizeram uma interpretação e reflexão crítica.

Como resultado, Bara *et al.* (2021) observaram que as interações entre mãe e filho, em casa, indicaram que Erick reage com forte irritabilidade a sons de alta frequência. No entanto, tanto a mãe quanto o filho perceberam que, independentemente da frequência, o que realmente perturba e causa desconforto é a intensidade do som. Para Erick, as aulas online de música lhe provocaram emoções positivas, especialmente porque a professora utilizou uma variedade de materiais que despertaram sua curiosidade e interesse em participar das aulas. A criança disse ainda, que apreciou as aulas de música devido à maneira como a professora as conduziu, o que evitou que se tornassem excessivamente cansativas. Laura também destacou que a professora fez uso de recursos como colher de pau, potes, baldes e outros, permitindo que os alunos utilizassem utensílios que provavelmente têm em suas próprias residências.

Bara *et al.* (2021) concluíram que embora a audição hipersensível de Erick fosse notável, observou-se que o nível de envolvimento dele nas aulas de música e seu progresso na aprendizagem musical estavam claramente ligados à abordagem lúdica, participativa e agradável que sua professora adotava, beneficiando tanto o professor quanto o aluno. Dessa maneira, para as autoras, é essencial desafiar os estereótipos associados aos alunos TDAH e outros distúrbios, frequentemente rotulados como desatentos em todas as situações. A superação desses estereótipos, segundo as pesquisadoras, requer um aumento no conhecimento sobre o TDAH e certa sensibilidade em relação à sons e músicas, assim professores, familiares e a comunidade em geral podem oferecer o suporte necessário para melhorar a qualidade de vida das crianças impactadas por esses transtornos.

A pesquisa de Singaicho (2020) complementa o que foi abordado anteriormente, que crianças com TDAH possuem maior impulsividade que crianças típicas, agindo em muitas ocasiões sem pensar nas consequências de seus atos. Isso pode incluir: interromper conversas, fazer escolhas impulsivas e não seguir regras ou instruções de forma consistente. Essa impulsividade pode criar desafios nas interações sociais e na realização de tarefas diárias. Além da hiperatividade é outra característica que afeta o autocontrole. Embora nem todas as crianças com TDAH sejam hiperativas, muitas têm um nível de energia elevado e dificuldade em permanecerem quietas quando necessário. Isso pode resultar em comportamentos inquietos, como mexer nas mãos ou pés, levantar-se frequentemente durante a aula e agir impulsivamente em situações sociais. E de acordo com a pesquisa “Uso da música como recurso para controle

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

de impulso em meninos e meninas com diagnóstico de TDAH que frequentam uma unidade educacional na cidade de Quito durante os meses de fevereiro a maio 2020” (tradução nossa)¹

Crianças diagnosticadas com TDAH não são capazes de manter o autocontrole, pois recorrentemente ao responder a uma pergunta não escolhem uma resposta assertiva, respondendo de forma automática e impulsiva na situação em questão. Dessa forma, expressam o seu comportamento de forma impulsiva, o que evidencia uma falta de resposta emocional (Singaicho 2020, pg.17, tradução nossa)²

Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo treinar o autocontrole de um grupo de crianças mediante a um espaço musical. O projeto teve como amostra um grupo de 12 crianças (08 do sexo masculino e 04 do sexo feminino) em uma Unidade Educacional da cidade de Quito. Foram realizadas “10 oficinas num período de três meses, voltadas pela busca da música e suas contribuições para o psicológico, além de desenvolver experiências que compõe os diferentes estímulos musicais e atenuam a impulsividade” (Singaicho 2020, pg.13. tradução nossa).³

As oficinas não tiveram o propósito de apenas ajudar e auxiliar na melhora no comportamento das crianças no âmbito escolar, mas proporcionar conhecimentos para que as mesmas os usassem em outros contextos, como no meio social, além de uma melhora cognitiva, contribuindo significativamente nas mudanças no dia a dia, para amenizar os sintomas de impulsividade. A metodologia utilizada nas oficinas foi determinada a partir de dados colhidos na observação dos participantes e nos diários de campo, tendo uma duração média de encontro de 1 hora a 1 hora e 30 minutos. Os encontros eram presenciais, entretanto com o início da pandemia, a partir do 5º encontro as oficinas foram feitas remotamente com o auxílio do aplicativo zoom.

Na conclusão da pesquisa Singaicho (2020) observou que os objetivos foram concluídos com sucesso, sendo que 08 crianças participaram de todas as oficinas, e conseguiram efetuar todas as atividades planejadas, e pode-se perceber as mudanças que a utilização da música pode propiciar aos referidos alunos, como na melhora da assertividade, na execução das

¹ Uso de la música como recurso para el control de impulsos en Niños y niñas diagnosticados con tdah que acuden a una unidad Educativa de la ciudad de quito durante los meses de febrero a Mayo del 2020

² Los niños diagnosticados TDAH no son capaces de sostener un autocontrol ya que al responder una pregunta no elige una respuesta asertiva, sino responde de una forma automática e impulsiva ante una situación. De tal manera, que expresa su conducta de manera impulsiva, lo que evidencia una falta de respuesta emocional. Singaicho 2020, p.17.

³ “un total de 10 talleres en un periodo de tiempo de tres meses, se orienta en la búsqueda de la música y la contribución al interés psicológico, desarrollando las experiencias que forman los diferentes estímulos musicales y mitigar la impulsividade” Singaicho 2020, p.13.

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

atividades com maior foco e concentração. Entretanto, de acordo Singaicho (2020) não se sabe até quando as mudanças alcançadas serão mantidas, não sendo possível até a finalização da pesquisa saber se essa melhora será a longo prazo. Portanto, seria necessário que houvesse uma continuidade do projeto, e que maiores levantamentos de dados fossem feitos posteriormente.

De acordo com os relatos científicos abordados Paiva et. al (2007), Vasques e Pereira (2016), Singaicho (2020), Bara et al. (2021), a música pode proporcionar benefícios no tratamento de crianças com TDAH, principalmente como forma de tratamento alternativo e complementar, buscando uma psicoeducação ativa com os pais, professores, e com as crianças que possuem o diagnóstico.

Entretanto, embora haja um aumento notável na produção de estudos relacionados a aplicabilidade da música e/ou práticas musicais na intervenção com crianças com transtornos de desenvolvimento, é possível observar uma carência significativa na abordagem específica do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Tal fato pode ser atribuída a diversos fatores, incluindo a complexidade multifatorial do próprio TDAH, bem como à predominância de abordagens farmacológicas no tratamento, à falta de financiamento direcionado a esse campo específico, à dificuldade na mensuração de resultados em intervenções musicais e a necessidade de estudos empíricos robustos para estabelecer a eficácia da música como terapia complementar.

Desta forma, foi necessário pesquisar dados em publicações estrangeiras, atestando que os tratamentos alternativos possuem pouca visibilidade nesta temática. Contudo, à medida que o interesse cresce e as primeiras pesquisas indicam benefícios potenciais, é possível que a quantidade e a qualidade das investigações nessa área venham a se expandir, contribuindo para um melhor entendimento dos impactos da música no TDAH infantil.

Considerações Finais

À luz das investigações realizadas neste estudo, que se concentraram na análise acerca das contribuições da música no tratamento de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), e na revisão bibliográfica das pesquisas relacionadas à musicoterapia e TDAH, este trabalho buscou um aprofundamento e rigor na investigação dos efeitos da música como estímulo externo no desempenho das crianças com TDAH.

Através do levantamento bibliográfico da produção científica mundial e o estudo de relatos sobre TDAH e a música como forma de tratamento, constatou-se que, apesar dos aparentes resultados, ainda são poucos os estudos experimentais que avaliam o impacto da

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

música no desempenho de crianças com TDAH. Além disso, a ampla variedade metodológica dos estudos existentes e a limitação no manejo de controles impedem o desenvolvimento de generalizações.

Conforme exposto neste trabalho, o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é uma condição que exerce um papel de considerável relevância na rotina das crianças que dele sofrem, exigindo, portanto, intervenções adequadas e personalizadas para cada indivíduo afetado. Esse transtorno impacta substancialmente a capacidade da criança de regular sua atenção, controle impulsivo e hiperatividade, tornando a intervenção apropriada uma necessidade premente para assegurar um desenvolvimento pleno e saudável.

Sendo assim, a intervenção no TDAH visa aprimorar o desempenho acadêmico e atenuar desafios sociais e emocionais através da identificação das capacidades individuais. A partir disso, cria-se oportunidades para o êxito e fortalece a confiança nas próprias habilidades, contribuindo assim para uma autoimagem positiva e o cultivo de resiliência psicológica.

Atualmente o TDAH tem sido tratado principalmente com abordagens tradicionais, sendo divididas em duas categorias: psicossociais, que incorporam diversas abordagens terapêuticas, e medicamentosas. No entanto, tem-se explorado alternativas de tratamento para o TDAH, como a música, que pode ser observada como ferramenta que atua em várias áreas, como no âmbito cognitivo, comportamental, socioafetivo e motor, podendo ser explorada por meio da educação musical, o ensino da música e a musicoterapia.

Ao aplicar a música no contexto com crianças que possuem TDAH, observa-se que esta pode auxiliar as crianças a concentrarem-se, a expressarem suas emoções de forma criativa, ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade que são frequentemente acompanhantes do TDAH, melhorar a coordenação motora, e a desenvolverem habilidades sociais como trabalho em equipe e comunicação.

Ao longo do estudo compreendeu-se sobre as possibilidades de atuação da música como recurso terapêutico no tratamento de crianças com TDAH, sendo que nos estudos dos relatos notou-se que as escolas têm buscado amenizar os efeitos do TDAH em sala de aula utilizando a prática da música, atividades ritmadas e dinâmicas e oficinas com estímulos musicais, para que assim seja aprimoradas habilidades de autocontrole, atenção, assertividade e relacionamentos interpessoais

Percebeu-se, entretanto, que as pesquisas sobre tratamentos para o TDAH tendem a se concentrar mais em abordagens médicas e psicossociais convencionais, e as possibilidades de tratamento alternativos ainda precisam ser desenvolvidas e analisadas. Neste sentido, a música

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

tem se mostrado elemento relevante junto ao TDAH e, portanto, é tema de exploração para complementar abordagens tradicionais de tratamento.

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

Referências

American Psychiatric Association – APA. (2014) Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre, Artmed Editora.

Araújo, L. J., Rodrigues, P. M. T. M., Souza V. V., (2013). Inclusão e alfabetização das crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (tdah) de uma escola pública do Recanto das Emas. http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/f7a10d14c3d3472ce763e8a2a76377ab.pdf

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO (2010). O que é TDAH? <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DÉFICIT DE ATENÇÃO (2017). Tratamento. <https://tdah.org.br/tratamento/>

Assef, E. C. S., Capovilla, A. G. S., & Capovilla, F. C. (2007). Avaliação do controle inibitório em TDAH por meio do teste de geração semântica. *Psicologia: teoria e prática*, 9(1), 61-74. Recuperado em 24 de agosto de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielophp?script=sci_arttext&pid=S1516-36872007000100005&lng=pt&tlng=pt.

Bara, A. P. F., Navarro, A. P. M., Santos, G. N., & Santos, R. (2021). *A aprendizagem musical de uma criança com TDAH em tempos de isolamento social*. XXV Congresso Nacional da ABEM, 1-13. <http://abemsubmissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/view/961>

Barbarini, T. de A. (2020). CORPOS, “MENTES”, EMOÇÕES: UMA ANÁLISE SOBRE TDAH E SOCIALIZAÇÃO INFANTIL. *Psicologia & Sociedade*, 32. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32173058>

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

Barkley, R. A. (2002) Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH): guia completo e autorizado para os pais, professores e profissionais da saúde. Porto Alegre: Artmed.

Bertoldo, L. T. M., Feijó, L. P., & Benetti, S. P. C. (2018). Intervenções para o TDAH infanto-juvenil que incluem pais como parte do tratamento. *Psicologia Revista*, 27(2), 427–452. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2018v27i2p427-452>

BRÉSCIA, V. P., (2009). A música como recurso terapêutico Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). Anais. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano. CD ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3

BRUSCIA, K. E. 5a ed. (2000) Definindo a Musicoterapia. Rio de Janeiro: Enelivros

Cantieri C. N., Ribeiro A, F., Khoury L. P., Seraceni F. F., Macedo L. F. R., Carreiro L. R. R., (2012). Treino cognitivo em crianças e adolescentes com sinais de desatenção e hiperatividade: Proposta de protocolo de intervenção neurológica nos domínios verbal e executivo. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, São Paulo, v.12, n.1, p.98107,

Duarte, T. B., Borges, V. M., Padovani, R., Rocha, T. C. C., Ferreira, L. T. V., & Kalil, J. H. (2021). TDAH: ATUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS QUE TRAZEM DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA BASEADO EM EVIDÊNCIAS. *Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research*, 35(2). https://www.mastereditora.com.br/periodico/20210711_102005.pdf

Educação Musical e Musicalização (2019). SABRA - Sociedade Artística Brasileira. <https://www.sabra.org.br/site/qual-a-diferenca-entre-educacao-musical-e-musicalizacao/>

Andrade Júnior, H. (2018). Eficácia terapêutica da música: um olhar transdisciplinar de saúde para equipes, pacientes e acompanhantes [Therapeutic efficacy of music: a transdisciplinary view of health for teams, patients and companions] [Eficacia terapéutica de la música: una mirada transdisciplinaria de salud para equipos, pacientes y acompañantes]. *Revista Enfermagem UERJ*, 26, e29155. doi:<https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.29155>

Mattos, P., (2011). No mundo da lua - Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Associação Brasileira de Déficit de Atenção – ABDA. 10 ed. - São Paulo .

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

Mendes, C. G. (2022). Estudo experimental sobre o efeito do estímulo musical na atenção de crianças e adolescentes com TDAH e com desenvolvimento típico. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/46685#:~:text=Os%20resultados%20sugerem%20que%20a>

Nascimento, M. E., Sousa, C. M. (2022). A música como ferramenta pedagógica na atenção à criança com TDAH: uma revisão de literatura. Anais Do Encontro Sobre Música E Inclusão, 68–77. <https://ojs.musica.ufrn.br/emi/article/view/83>

Oliveira D. R. S. (2020). A colaboração da educação musical para crianças com transtorno e déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Universidade Federal de Alagoas – UFA. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Curso de Licenciatura em Música. Maceió – AL. <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/7469/1/A%20colabora%C3%A7%C3%A3o%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20musical%20para%20crian%C3%A7as%20com%20transtorno%20e%20d%C3%A9ficit%20de%20aten%C3%A7%C3%A3o%20e%20hiperatividade%20%28TDAH%29.pdf>

Paiva. A., Zagonel, M. B., Arouck, M., e Trópico, S. S., (2007) Música; neuropsicologia; transtorno do déficit de atenção/hiperatividade (TDA-H): diálogo entre Arte e Saúde. XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Nacional da ISME na América Latina.

PEÑALBA, (2010) A. Musicoterapia e hiperatividade. Revista musical catalana, Belo Horizonte, v. 303, p. 4-6.

PEREIRA, H; VASQUES, L. (2016). Os benefícios da música para crianças portadores de TDAH. Repositório UNIS. Minas Gerais. <http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/523/1/OS%20BENEF%C3%8DCIOS%20DA%20M%C3%9ASICA%20PARA%20CRIAN%C3%87AS%20PORTADORES%20DE%20TDAH.pdf>.

Ribas S. V. C., Coli T. R., Romano Y. C., Mainardes S. C. C. (2015). MUSICOTERAPIA UMA ALTERNATIVA NO TRATAMENTO DE TRANSTORNO DO DÉFICT DE

A MÚSICA NO TRATAMENTO DO TDAH INFANTIL

ATENÇÃO: ESTUDO DE CASO. IX EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar, Maringá – PR. n. 9, p. 4-8.

Rohde, L. A. Barbosa G., Tramontina S., Polanczyk G., (2000). Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade. Brazilian Journal of Psychiatry [online]. v. 22, suppl 2. Acesso em 25 de ago. 2023. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600003>

Singaicho, M. S. G. (2020). Uso de la música como recurso para el control de impulsos en niños y niñas diagnosticados con TDAH que acuden a una Unidad Educativa de la ciudad de Quito durante los meses de febrero a mayo del 2020 [Doctoral dissertation, Universidad Politécnica Salesiana]. <http://dspace.ups.edu.ec/handle/123456789/19327>.

Santos, R N. (2016) Musicoterapia: relaxando crianças hiperativas do período pré-escolar. 120 p. Monografia (Curso de tecnologia em Estética e Cosmética) - Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR, Três corações – MG. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.4, n.3, p. 10432-10445 <http://periodicos.unincor.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/4169/>

Silva, E. L., Menezes, E. M. (2005). Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação (4ª ed.). Florianópolis: UFSC.

Scolaro, K. C. A. A., Maia, T. A. S., Coelho, C. K. (2023). TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH): Contribuições da Teoria Cognitivo Comportamental no tratamento. Revista Saberes FAP Pimenta, 1(1). <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/saberesfappimentabueno/article/view/1689>

Souza, J. C. P., Neto, C. J. F., Pereira, J. C. (2021). Contribuições da musicoterapia para a psicoterapia infantil / Contributions of music therapy for child psychotherapy. Brazilian Journal of Health Review, 4(3), 10432–10445. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-067>

Teixeira, L. M. D., Fernandes, P. R. S., (2021) Efeitos da musicoterapia na comunicação, socialização e imaginação em crianças com perturbação do espectro do autismo: um estudo de caso em Rebordosa-Portugal. Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade, Naviraí, v. 8, n. 16, p. 149-163.